

As Farpas (Fevereiro a Maio 1878)

Ramalho Ortigao and Jose Maria Eca de Queiroz

The Project Gutenberg EBook of As Farpas, Fevereiro a Maio 1878
by Ramalho Ortigao and Jose Maria Eca de Queiroz

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: As Farpas (Fevereiro a Maio 1878)

Author: Ramalho Ortigao and Jose Maria Eca de Queiroz

Release Date: August 2, 2004 [EBook #13093]

Language: Portuguese

Character set encoding: ASCII

*** START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK AS FARPAS ***

Produced by Claudia Ribeiro, Larry Bergey and PG Distributed Proofreaders. Produced from page scans provided by Biblioteca Nacional de Lisboa.

[Illustration: ECA DE QUEIROZ RAMALHO ORTIGAO AS FARPAS]

RAMALHO ORTIGAO--ECA DE QUEIROZ

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

DA POLITICA, DAS LETRAS E DOS COSTUMES

TERCEIRA SERIE TOMO II Fevereiro a Maio 1878

Ironia, verdadeira liberdade! Es tu que me livras da ambicao do poder, da escravidao dos partidos, da veneracao da rotina, do pedantismo das sciencias, da admiracao das grandes personagens, das mystificacoes da politica, do fanatismo dos reformadores, da supersticao d'este grande universo, e da adoracao de mim mesmo.

P.J. PROUDHON

SUMMARIO

Leis organicas das sociedades e disposicoes regulamentares dos estados: de como a sociedade as distingue para os efeitos da sanccao penal. O caso da sr.^a D. Joanna Pereira e o do parocho de Travanca de Lagos--A gymnastica perante o parlamento. O dr. Schreber, o dr. Ponza, Rodolfi, Claude Bernard, Burq, Lacassagne e o sr. Vaz Preto. Reconstituicao da raza humana pela gymnastica. Reconstituicao da ideias parlamentares pela mesma gymnastica. Indicacao de alguns exercicios para uso dos dignos pares--O ultimo milagre de Lourdes e a _Nacao_. Mostra-se que o milagre nao presta. Ensina-se a _Nacao_ o que sao milagres e prova-se-lhe que ella tem o demonio no ventre, mas que se lhe ha de tirar--A criminalidade em Lisboa e o _fadista_. Historia genealogica d'esse personagem desde o seculo XVI ate a ultima facada no Bairro Alto--A ideia velha e a ideia nova.--Uma opiniao de Tyndal acerca dos atheus. Algumas ideias do carpinteiro Jacquenin acerca das rasoos porque crescem os trigos. De como o sr. conde do Rio Maior pelo modo como emendou a lei da instruccao primaria mostrou nao ser aquelle philosopho nem aquelle carpinteiro--O _Primo Bazilio_. O caso pathologico e a obra d'arte. A educacao burgueza e o realismo--A escola nacional dos poltroes. A covardia, instituicao publica, etc.

Todos os crimes, quaesquer que elles sejam, podem ser considerados como pertencendo a duas classes distinctas:

1.º Crimes resultantes da infraccao das leis organicas da sociedade;

2.º Crimes resultantes da infraccao das disposicoes regulamentares dos Estados.

Emquanto as sociedades se nao acham constituidas segundo o direito absoluto fundado em principios claramente definidos de moral positiva, isto e, enquanto as sociedades nao attingem um desenvolvimento intellectual que lhes permitta conhecer todas as leis da sua organisacao, distinguindo o que n'ellas e difinitivo e organico do que e convencional e contingente,--n'essas sociedades nao podem dar-se senao os crimes da segunda d'aquellas classes. E assim que vemos nas civilisacoes antigas e hoje entre os selvagens serem considerados crimes ou deixarem de o ser, segundo os regulamentos especiaes das comunidades, o roubo, a polygamia, o incesto, o homicidio, etc.

Nas sociedades que attingiram a idade consciente, que entraram no periodo scientifico da sua evolucao moral, como presentemente succede em toda a Europa, o incesto, a polygamia, o homicidio, o roubo, etc., tomaram o character dos crimes incluidos na primeira das classes a que nos referimos, porque se comprehendeu que elles nao violam unicamente um regulamento local e arbitrario, mas que ferem a sociedade nos centros da vida, dissolvendo no seu nucleo a aggregacao que constitue o grande ser colectivo.

* * * * *

A sabedoria da legislacao penal manifesta-se na mais justa e perfeita demarcacao dos limites que separam essas duas ordens de crimes.

Quanto mais uma sociedade progride tanto mais ella estreita os meios repressivos da infraccao das suas leis organicas, e tanto mais afrouxa a punicao imposta a contravencao dos seus estatutos regulamentares, distinguindo graduacoes na culpa segundo a importancia dos interesses feridos pela perpetracao do delicto.

E em virtude d'este criterio que sao punidos com severidade, unanimemente exigida pela opiniao, os attentados contra o interesse do commercio e contra o interesse da industria, porque estes dois interesses sao considerados os mais importantes das sociedades modernas; ao passo que raramente deixam de ser amnistiados os crimes politicos, pela razao de que os governos se julgam impotentes para vibrarem arbitrariamente um castigo que nenhum interesse reclama e que por conseguinte a civilisacao rejeita como um acto de prepotencia e de vinganca.

Os antigos attentados nefandos contra os poderes constituídos e contra a forma do governo, chamados temerosamente de lesa-magestade, deixaram ha muito de ser espiados na guilhotina e na forca, contentando-se os politicos em fulminal-os com a critica de Talleyrand: "Sao mais do que crimes, sao verdadeiros erros!"

Posto isto, vejamos qual e o estado da mentalidade portugueza afferido pelo criterio que ella applica ao julgamento dos crimes e as respectivas sanccoes penaes.

* * * * *

Deram-se ultimamente dois casos profundamente caracteristicos: o caso de Joanna Pereira e o caso do parochó de Travanca de Lagos.

No caso de Joanna Pereira vemos tres reos confessos e convictos de tres crimes: Joanna, de adulterio; Carlos, de tentativa contra o pudor por meio da chlorophormisacao; o carroceiro, da remocao de um cadaver; todos tres cumplices e conniventes no crime de cada um.

Como procede a sociedade? Nao tomando conhecimento de nenhum d'estes attentados e despedindo os reos em paz!

No caso do parochó de Travanca de Lagos, o reo e accusado de ter falsificado uma certidao de idade para o fim de salvar um mancebo do recrutamento militar. Como precede a sociedade? Condemnando o parochó a oito annos de degredo para a costa ds Africa!

O primeiro caso e um triplice attentado contra a ordem social. A sociedade nao so o nao pune mas nem sequer o julga.

O segundo e uma contravencao de um regulamento administrativo. A sociedade nao so o julga mas pune-o com uma das maximas penas do codigo.

* * * * *

Nao analysamos o procedimento havido com Joanna Pereira e os seus co-reos. Pomol-o simplesmente em parallelo com o procedimento havido com o parochó de Travanca de Lagos, e dizemos que a condemnacao d'este e uma iniquidade monstruosa.

O crime do que e accusado o padre, condemnado por havel-o commettido a oito annos de degredo, e crime unicamente perante a letra de um

regulamento de caracter nao so transitorio mas arbitrario--o regulamento do servico militar.

O parochio foi condemnado por tentar salvar do servico um recruta. Alterar um numero, escrever um algarismo por outro, so pode envolver intencao criminosa quando d'esse acto proceda uma offensa de interesses. Viciar a data de uma letra ou de um contrato e indubitavelmente um grave crime, porque offende o interesse do commercio, ou o da industria, ou o da propriedade. Mas alterar a data de uma certidao de baptismo, para o facto de isemtpar do servico militar um cidadao, nao e offender um interesse social; e o contrario d'isso: e servir o interesse que todas as sociedades teem em que deixe de haver militares.

* * * * *

O crime, no estado de pura tentativa, pelo qual o padre foi julgado o punido com degredo de oito annos, se se chegasse a realizar e se estendesse do caso particular de uma freguezia do reino a todos os casos analogos na Europa inteira, seria o mais assignalado dos beneficios a civilisacao e a humanidade. Daria em resultado a eliminacao do militarismo e da guerra.

Os crimes pelos quaes Joanna Pereira e os seus collaboradores nao foram punidos nem julgados, se se estendessem da casa da travessa da Oliveira ao resto da sociedade, dariam os seguintes effeitos:

Os cadavares seriam propriedade dos carroceiros, o que acabaria, de uma vez para sempre, com o uso dos cemiterios e com a pratica de enterrar os mortos.

Os Antonys teriam ao abrigo das leis, um desenlace inoffensivo para todos os seus dramas: _Resistia-me, chlorophormisei-a!_

Finalmente, para o facto da seleccao da especie, os maridos seriam substituidos pelos mestres de piano dados ao abuso das bebidas alcoolicas--o que tornaria o casamento inutil e a familia impossivel, convertendo aos pianos, reforcados pela aguardente, nos unicos instrumentos da perpetuidade da raca.

* * * * *

Expondo simplesmente os dois casos referidos e o modo como a sociedade os resolveu, achamos inutil accrescentar commentarios, e fazemos unicamente a sociedade os nossos cumprimentos.

* * * * *

Por occasiao de se discutir no parlamento a reforma da instruccao primaria o digno par sr. Vaz Preto Geraldos votou contra a adopcao da gymnastica nas escolas de raparigas, enunciando a opiniao de que a gymnastica tinha um caracter immoral.

S. ex.^a parece receiar que uma vez introduzida a gymnastica nos costumes do sexo feminino, as senhoras portuguezas comecem a estar nos bailes com pesos suspensos da bocca e a passearem no Chiado apoiadas sobre as maos e de pernas para o ar. Isto effectivamente nao seria bem visto. E comprehendemos que s. ex.^a sinta uma certa porcao de rubor pensando que

ao dirigir n'um salao as suas homenagens a uma dama esta podera vir um dia a retribuir os cumprimentos de s. ex.^a aferrando-o pelos rins e obrigando-o a revirar duas vezes as pernas por cima da cabeça no espaço que medeia entre o tapete e o lustre.

Creemos porem que os receios do sr. Manuel Vaz Preto procedem mais directamente de um nobre desdem votado por s. ex.^a a algumas habilidades da feira das Amoreiras do que propriamente do conhecimento cabal que s. ex.^a tenha da coisa que fora das feiras se nao chama a _sorte de forcas_ mas sim mais modestamente--_a hygiene do movimento no corpo humano_.

* * * * *

Um illustre medico allemao, o doutor Schreber, director do instituto orthopedico de Leipzig, e como tal perito no estudo das deformacoes do nosso esqueleto, affirma que grande parte das viciacoes na configuracao dos ossos da bacia, viciacoes que inhabilitam muitas mulheres de serem maes, proveem dos habitos sedentarios que as raparigas contraem na escola e que so podem ser corrigidos na infancia pelos exercicios racionais da gymnastica. Ora quer-nos parecer que qualquer mulher podera chegar a ter bem conformados os ossos da bacia sem o sr. Vaz Preto correr um risco eminente de que essa mulher tome a bocca do estomago de s. ex.^a para alvo das suas predileccoes pelo pugilato athletico.

* * * * *

O mesmo doutor Schreber assevera que e indispensavel introduzir o uso da gymnastica nas aulas do sexo feminino se se quizer evitar que muitas mulheres padecam um desvio pathologico da columna vertebral extremamente frequente e resultante da posicao forcada em que as raparigas se conservam durante as horas do trabalho nas escolas. Repugna-nos acreditar que o sexo feminino, que se destina a fazer a prancha em sociedade tomando para ponto de apoio o ventre do sr. Vaz Preto, esteja a espera de que lhe endireitem a espinha para passar immediatamente depois a operar sobre a regio abdominal de s. ex.^a as experiencias dynamometricas, cuja perspectiva lanca no animo pudibundo do digno procere um tao legitimo horror.

* * * * *

A physiologia moderna tem mostrado que a saude nao e mais que o justo e perfeito equilibrio das diferentes forcas inherentes ao nosso organismo. A hygiene tem provado com muitas observacoes e fundada nas mais repetidas experiencias que o exercicio regular e methodico de todos os nossos membros e de todos os nossos orgaos e o unico meio de manter o equilibrio a que acima nos referimos. A systematisacao d'esse exercicio regular e methodico chama-se gymnastica.

Da saude do corpo precede solidariamente a saude do espirito. Sabe-se hoje que todo o acto intellectual depende de uma dada circulacao do sangue atravez da rede dos nervos encephalicos.

Os medicos alienistas e todos os que teem estudado attentamente os phenomenos mentaes attestam que a estupidez, o talento, o genio, a loucura sao outros tantos resultados do modo como o sangue circula, com mais ou menos vivacidade, mais ou menos abundantemente, no cerebro. Um aparelho do doutor Mosso, intitulado o plethysmographo, aparelho de que a psychologia experimental tem tirado as mais importantes revelacoes, demonstra que existem estreitas e precisas relacoes de causa

para efeito entre as variações da circulação e os diferentes graus de actividade cerebral. A abolição da memória, a perversão das sensações, todos os casos de nevropathia cerebral são resultantes de uma falta de cadência na vibração dos centros sensitivos causada por um embaraço da circulação sanguínea no encefalo. Na Italia estão-se curando as alienações mentais pela transfusão do sangue. O medico Ponza, do Grande Hospital, e o doutor Rodolfi, do asylo de Brescia, relatam muitos casos de cura de alienados pela transfusão hypodermica.

Pois bem: o meio eficaz de que a hygiene dispõe para activar e regularisar a circulação, de tanta importancia para a actividade central, e a gymnastica.

O celebre hygienista Lacassagne diz: "Um exercicio muscular geral, feito em boas condições, produz os efeitos de uma transfusão de sangue."

* * * * *

Ha estados morbidos cuja localisacão no organismo escapa muitas vezes a indagação e a sagacidade dos clinicos. Esta-se doente sem haver aparentemente perturbacão alguma nas funcções physiologicas. O symptoma, frequentemente despercebido, d'esse deperecimento vital consiste na diminuicão do noso peso com relacão a unidade do nosso volume. A mais segura medida da saude e a densidade do corpo. Ha algum regimen proprio para tornar mais denso o corpo humano? Ha. E o regimen da gymnastica. O doutor Burq, seguindo durante seis mezes os exercicios da escola de gymnastica militar da Faisanderie, em Franca, constatou, pelas observações feitas dia a dia sobre os alumnos, que a gymnastica tem por efeito augmentar o peso e diminuir o volume, isto e acrescentar a densidade de 6 ate 15% dentro dos primeiros tres ou quatro mezes de exercicio.

* * * * *

Em um paiz onde a tísica faz tao grande numero de victimas como em Portugal, e util accrescentar ainda que uma das propriedades da gymnastica e desenvolver a caixa toraxica e augmentar de 1/6 pela media a capacidade pulmonar, como foi verificado no dynamometro pelo mesmo doutor Burq.

* * * * *

A força muscular augmenta, como a capacidade pulmonar e como a densidade, n'uma proporção de 15% nos quatro primeiros mezes dos exercicios gymnasticos.

* * * * *

A hygiene de musculatura e um facto de primeira importancia para a saude desde que pelas experiencias de Claude Bernard sobre as propriedades dos tecidos vivos se reconheceu que a sede principal da combustão respiratoria e o musculo. Os diferentes estados do musculo influem directamente na composicão do sangue. O exercicio e portanto um poderoso modificador do sangue e como tal actua em todas as forças do nosso organismo. Mas nao ha senao uma especie de exercicio com propriedades hygienicas e therapeuticas: esse exercicio e a gymnastica.

* * * * *

Pedimos ao sr. Manuel Vaz Preto que nos faça o obsequio de considerar que so e um agente da saude o exercicio geral, regular e methodico, que constitue a gymnastica dos movimentos, chamada a gymnastica allema. O doutor Sebreber demonstra que a unica occupacao que sujeita quem a exerce a um exercicio inteiramente harmonico, e a occupacao da jardinagem. Todo aquelle que nao for jardineiro tem de appellar para um methodo especial de movimentos artificiaes que ponham no devido equilibrio as acquisicoes e os dispendios de cada um dos seus orgaos.

* * * * *

Taes sao, resumidamente expostas, algumas das razoes que militam em favor da gymnastica. Em contraposicao a estes argumentos nao sabemos senao de um: o pejo do sr. Vaz Preto. Dirigimos a s.ex.^a os nossos rogos mais fervorosos para que s.ex.^a nao core diante da gymnastica, impedindo assim o paiz de por em pratica o melhor meio de regenerar a sua constituicao atrophada, de endireirar a espinha, de desenvolver os ossos, de activar as faculdades intellectuaes, de enriquecer o sangue, de reagir contra a hypocondria e contra a preguica, contra a atonia dos nervos e dos musculos, contra a anemia, contra a chlorose, contra a gotta, contra as affeccoes pulmonares, contra as escrophulas, contra a obesidade e contra a idiotismo.

* * * * *

Muitos dignos pares, em cujo numero pedimos licenca para incluir o mesmo sr. Vaz Preto, estao contaminados por enfermidades que a gymnastica previne e corrige. De modo que uma boa administracao pedia que gymnastica nao so fosse decretada para as escolas mas tambem para as duas casas do parlamento.

Nas escolas americanas, em muitas escolas inglezas, allemas, suecas, os exercicios intellectuaes interrompem-se umas poucas de vezes por dia para darem logar aos movimentos gymnasticos executados em commum por todos os alumnos. Uma recente estatistica, feita na Inglaterra, prova quanto estes exercicios sao uteis nao so ao desenvolvimento physico mas ao desenvolvimento intellectual, mostrando-nos que nas escolas em que se introduziu a gymnastica os alumnos aprendem mais e em menos tempo do que n'aquellas em que a gymnastica nao existe.

Na reforma da camara dos dignos pares, ultimamente convertida em lei, esqueceu uma disposicao--precisamente a unica que teria alcance--um artigo que obrigasse ss.ex.'as a interromperem, por duas ou tres vezes em cada sessao, as suas locubracoes legislativas, para fazerem gymnastica ao som de um orgao, como nas escolas americanas.

O mesmo sr. presidente o nobre duque de Avila e Bolama deveria ser obrigado sob penas tremendas, a tomar parte n'estes exercicios. Por que--digamol-o francamente--o que e o _cachenez_ do nobre duque presidente senao o mais afflictivo dos casos pathologicos: o symptoma mais caracteristico de que s.ex.^a nao tem gymnastica nos musculos do pescoco e nos que revestem o seu aparelho respiratorio? Em mome da felicidade do paiz, que tao estreitamente depende da preciosa saude do nobre duque, s.ex.^a deveria ser obrigado--obrigado a ferros, em nome d'el-rei--a suspender em cada dia os trabalhos parlamentares, a erguer-se magestosamente da sua cadeira, a tirar a sua gravata, a desabotoar o seu colleirinho e os seus suspensorios, e a proceder aos seguintes movimentos:

Voltar vigorosamente a cabeça para a direita e para a esquerda (100 vezes); fazer girar o pescoco, na sua maxima flexao, sobre o peito e sobre as espaldas (200 vezes); subir e descer energicamente os ombros (100 vezes); fazer o movimento de quem mede bracas (100 vezes); tomar fortes e profundas aspiracoes de ar (25 vezes). Depois do que, s.ex.^a reperia a sua gravata, abeooaria os seus suspensorios e recomecaria a meditar sobre a felicidade da patria.

No mesmo sr. Vaz Preto o que e verdadeiramente a revolta do seu pudor perante a adopcao da gymnastica nas escolas senao o indicio de uma lesao mental concomitante e ate certo ponto compensadora da obesidade? Pois nao e sabido que jamais a excessiva nutricao deixa de ser acompanhada reflexamente pela excessiva pudicicia? Conviria portanto que, emquanto o sr. duque de Avila curasse o seu _cache-nez_ por meio dos excercicios indicados, o sr. Vaz Preto medicasse o seu pejo com os exercicios seguintes:

Massagens no abdomen (5 minutos): acocorar-se (100 vezes); dobrar e tronco rotatoriamente sobre o estomago, sobre os quadris e sobre o rim (50 vezes); levantar cada uma das pernas para diante e para traz ate o limite da sua elasticidade (50 vezes); fazer o movimento analogo ao de quem racha lenha (25 vezes); trotar no mesmo terreno (15 minutos). Depois do que, s. ex.^a revestiria ameaçadoramente as suas calças e continuaria a demolir com a sua facundia a politica do gabinete.

* * * * *

Se porem a todas estas consideracoes for insensivel o sr. Vaz Preto, n'esse caso a sciencia, continuando a affirmar a importancia social da gymnastica, tem de usar com o pudor de s. ex.^a um expediente extremo: Velar-lhe a face!

* * * * *

A _Nacao_ publicou um telegramma de Lourdes, em que se lhe diz: _O padre cego ja ve, a paralytica ja anda_.

* * * * *

Parece impossivel que uma folha religiosa como a _Nacao_ desse cabimento nas suas columnas um milagre tao miseravel, tao safado, tao reles como esse! Com effeito! foi entao para isso, para esse milagrotesito de cacaraca, para dar vista aos cegos e para fazer andar os paralyticos, foi para essa insignificancia, para essa miseria, para essa sovinice, que a sr.^a condessa de Sarmento organisou a sua romagem, que andou a reunir os padres cegos e as sujeitas paralyticas, e que unicamente para os fazer ver e para os fazer andar os levou tao longe?! ... Ora muito obrigado! muito obrigado pelo seu favor!

A sr.^a condessa de Sarmento e todos os devotos e devotas que collaboraram com s.ex.^a na bonita obra da peregrinacao teem obrigacao restricta de abrirem immediatamente uma subscripcao para o fim de indemnizarem o padre ex-cego e a mulher ex-paralytica do incommodo que lhes deram. Porque nos--e a _Nacao_ bem o sabe!--nos temos devocoos locais, temos devocoos ahi da Baixa, que nos affirmam e affiancam, sob a auctoridade dos padres e dos pontifices, exactamente os mesmos resultados obtidos pela romagem.

Pois que! A agua de Lourdes ao pe da bica, na propria gruta, por conta e na presenca da santa, nao ha de dar mais efeitos no consumidor do que a agua de Lourdes exportada, expedida ao estrangeiro em vasilhas quantas vezes impuras, quantas vezes com mas rolhas?!

Nao vimos nos ahi, ha dois annos, na Santa Casa da Misericordia, uma enferma paralytica, a qual desfechou a andar com a mesma facilidade com que anda a roda da mesma Santa Casa logo quo lhe chapinharam os membrea locomotores com agua das latas?!

E a pobresinha de Christo desencaminhada pela sr.^a condessa do Sarmento para se metter as estradas e para ir por ahi fora em bracos ate Lourdes, chega la e nao obtem mais nada senao o que obteve a outra sem sair do largo de S. Roque?

E ainda ousam dizer-nos--o que nao pode ser senao por escarneo--que ella _andou!_? Olha a grande facanha--_andar!_ Mas, senhores, tendo tido trabalho de ir a Lourdes, o que essa mulher devia fazer, pelo menos, era correr, correr a sete pes, e trazer de la para esse fim cinco pernas a maior do que as que levou!

Outro tanto temos que dizer do cego. Unicamente para ver pelos olhos lesos, sem ir mais longe, tinha ahi o sr. Mascaro que lhe fazia o milagre no olho de cada lado n'um abrir e fechar do olho do lado opposto. Em Lourdes seria preciso, para sustentar os creditos da agua na sua devida altura, que o homem nao so principiasse a ver pelos olhos mas que visse tambem por outros membros.

Isso entao ja valeria mais a pena de se contar, e comprehenderiamos que a _Nacao_ o publicasse em telegramma: "O padre cego appareceu-lhe um olho em cada buraco do nariz e esta-lhe a vir outro na cova do ladrao, pelo qual ja le as suas rezas de costas na cama com o breviario por baixo do travesseiro. A paralytica ja deitou seis pernas novas e esta com dois grandes furunculos nos hombros: suppoe-se que sejam as azas a romper. Quando se lhe espremem os carnicoes bota pennas. Infinitos louvores sejam dados a Deus Nosso Senhor porque pela cor dos voadouros vemos que a paralytica nos sae pedrez!"

Isso, sim senhor, isso seria um soffrivel milagre, ainda que de segunda ordem, porque os ha muitos maiores.

* * * * *

Da virtude dos escapularios, por exemplo, contam-se e authenticam-se coisas ao pe das quaes tudo quanto a agua de Lourdes tem feito e zero.

O escapulario preserva o fiel de todos os males, preserva-o das doencas, das pestes, dos perigos da agua, dos incendios, do raio, das quedas, das balas, das sovas, etc. De tudo isto ha provas que nao podemos por em duvida. No livro intitulado _Virtude miraculosa do Escapulario demonstrada por casos de protecao, de conversao e de curas miraculosas_, pelo revd.^o padre Hugnet--_Saint-Dizer, Paris, Lyon, Bruxelles et Anvers_, 1869, todas essas virtudes se acham confirmadas com muitos exemplos.

Pessoas que caem do alto de enormes torres ficam intactas: nem um botao dos suspensorios lhes rebenta, e se estavam lendo o seu jornal no alto das torres, como algumas vezes succede, veem lendo n'elle pelo ar

emquanto caem e continuam a leitura em baixo, tracando a perna n'um estado do satisfacao ineffavel.

O sr. A. de L ..., tendo entrado na insurreicao do Var, com um escapulario ao pescoco, recebe vinte e nove tiros, apparecem-lhe no fato os vinte e nove furos das vinte e nove balas: elle no entanto fica illeso. "Nao nos foi possivel matal-o: tivemos de desistir!" disse por essa occasiao um gendarme. (Obra acima referida, pag. 21)

No auge de um pavoroso incendio um devoto lembra-se de lancar ao meio das chammas o seu escapulario; o incendio immediatamente se extinguiu e o escapulario encontrou-se intacto. "Apenas, diz o padre Huguet na obra citada, se observou que elle cheirava um pouco a chamusco." (Pag. 17.)

Um soldado na batalha de Novara ve cair em torno d'elle todo o regimento, elle e o unico ser que sobrevive: examina-se o soldado e acha-se-lhe um escapulario mettido na bocca e um em cada braco. (Pag. 20.)

Um desgracado, querendo suicidar-se, lanca-se ao mar quatro vezes consecutivas, sempre debalde: o mar arroja-o a praia, recusando-se obstinadamente a submergil-o. O desgracado recorda-se entao que traz ao pescoco um escapulario, e atira-se ao mar pela quinta vez, tendo deixado o escapulario em terra. Foi somente com esta condicao que o mar se resolveu a dar cabo d'elle. (Pag. 15.)

Alem de livrar de todos os perigos, sem excepcao, durante a vida, o escapulario livra completamente das penas eternas depois da morte.

O abbade Guglielmi, auctor do livro intitulado _Collecao dos escapularios da Immaculada Conceicao, do Rosario, do Carmello, etc._, diz terminantemente, a pag. 231, que os demonios se queixam no inferno, pela maneira mais amarga, do grande numero de almas que lhes sao arrebatadas pelos escapularios. Parece que nao ha dia em que um milhao de diabos nao roguem esta praga medonha:--Que nos levemos os escapularios!

As approvacoes pontificaes de todos os papas, desde Joao XXII ate Pio IX, confirmam cabalmente os poderes attribuidos ao uso dos escapularios.

O escapulario do Monte Carmello tem a propriedade especial de expedir para o ceo o penitente, quaesquer que tenham sido os peccados por elle perpetrados, no primeiro sabbado seguinte ao da sua morte. Facinora que arranje a morrer com o escapulario na sexta feira a meia noite, podem os facinoras seus companheiros esperal-o no purgatorio, que o hao de ver por um oculo!

O uso do escapulario e extremamente commodo: nao obriga a encargos de nenhuma especie, salva-nos independentemente da penitencia, da confissao e da communhao. Tambem nao priva o penitente de qualquer prazer a que elle se queira dar n'este mundo. Assim o affirma o revd.^o Guglielmi. O essencial e nao o tirar nunca, nem mesmo _quando voluntariamente se vae peccar_: e o que mais particularmente prescreve o dito padre Guglielmi.

De todos os escapularios o que mais se recommenda a eleicao dos devotos e o do Sagrado Coracao de Jesus, porque este escapulario nem sequer precisa de ser benzido. Basta, para dar todas as indulgencias, que elle seja feito pelo modelo approvedo pelo nosso Santo Padre Pio IX, do modo

seguinte: Sobre um pequeno retalho de la branca--retalho quadrado ou oblongo, porque sendo redondo, oval ou polygono perde a virtude--applica-se um coracao de flanella encarnada, bem talhado e cosido a pesponto, de modo que imite a coroa de espinhos acompanhada de algumas gotas de sangue bordadas a seda. Aparte, em uma tirinha de panno patente, borda-se a ponto de marca, linha encarnada, a inscripcao sacramental: _Suspende! Esta comigo o coracao de Jesus_!

Ora, podendo cada um em sua casa, no seio da sua familia, fazer um d'estes escapularios, deital-o ao pescoco e ficar livre, para a vida e para a morte, de todos os perigos, de todos os males; podendo cair do alto das torres, atirar-se as voragens do fogo e do mar, e metter-se debaixo dos raios, sem mais risco do que teria deitado na sua cama, nao fara a _Nacao_ o favor de nos dizer para que ha de ir um homem a cascos de rolha beber uma agua, que, segundo a mesma _Nacao_, o mais que faz e unicamente dar vista aos cegos e movimento aos paralyticos?

Ha umas tantas coisas que a _Nacao_ ate devia ter vergonha de as dizer ... O que a _Nacao_ precisava era que lhe deitassem um bom escapulario a esse pescoco, para a _Nacao_ ficar entao sabendo o que sao milagres! Porque a _Nacao_ nao sabe o que sao milagres!

Por o padre cego a ver e por a paralytica a andar nao passa de uma habilidadesita mediocre, um bocadito de geito!

Vir a feira unicamente com uma porcaria d'essas parece mesmo de proposito para fazer perder a gente o gosto pelas devocoas ...

Emquanto a nos o que a _Nacao_ tem e o espirito maligno no corpo do jornal! Cruzes, demonio!

* * * * *

Ha dois mezes que os periodicos annunciam quasi quotidianamente os casos de espancamento, de ferimentos e de roubos commettidos em Lisboa e seu termo. De quando em quando a policia, para o fim de dar uma especie de satisfacao a sociedade pela frequencia de tantos crimes, prende um fadista. O que temos que perguntar e: Porque se nao prendem os fadistas todos?

* * * * *

Em cidade nenhuma do mundo existe uma palavra de significacao analoga a esta--o _fadista_.

Ser fadista quer dizer: ser um criminoso tolerado, agremiado civilmente, constituindo uma classe. Pela sua genealogia social o fadista descende dos antigos espadachins plebeus que conquistavam, por meio de exame feito em valentia, o direito de cingirem a espada e de acompanharem com fidalgos bulhentos e tranca-ruas. No seculo passado existia ainda em toda a sua pureza esta raca de bravos de viella, sem officio nem beneficio, vivendo das esportulas da nobreza, apadrinhados por ella, frecheiros com as mulheres, soberboes e insolentes com os mesteiraes e com os mercadores, cobrindo as costas aos fidalgos nas excursoes nocturnas em que estes se divertiam espancando os transeuntes, escalando os muros dos quintaes e dos conventos, desarmando as rondas e acoitando os corregedores e os esbirros ao fundo dos becos tenebrosos e adormecidos.

Entre os alludidos fidalgos figurava como grao-mestre da ordem, como capitao da ala o serenissimo senhor infante D. Francisco, preclaro irmao do senhor rei D. Joao V, que Deus tenha em sua santa guarda. D'esse interessantissimo principe, cujas tropelias crearam, durante um seculo, em volta das suas terras do Infantado, em Queluz, uma legenda de terror, conta-se este bello feito historico, que basta para mostrar o genero dos divertimentos da sua roda: Vendo o augusto principe nas vergas de um navio um marinheiro que o saudava, quiz o infante experimentar, por ser mui curioso de balistica, se do logar onde estava poderia alcancar com um tiro aquelle homem que lhe fazia continencia meneando alegremente o seu gorro. Fazendo em seguida a mais cuidadosa pontaria, e desfechando sobre o alvo, teve sua alteza o summo gosto de ver que o marinheiro se despegara da verga, que dobara no ar por entre as enxarceas e caira por fim estatalado no convez varado pela bala da serenissima escopeta. Com o que o sr. infante houve um acesso de jubilo, como nunca se lhe vira, e que sua alteza houve por bem desafogar batendo as palmas e dando muitos uivos e pinchos, inequivocos signaes de uma illimitada alegria. Mais tarde, com a illuminacao de Lisboa, devida ao intendente Pina Manique, e com a creacao da policia moderna, cessaram os recontros, as arruacas, os combates nocturnos da fidalguia com a villanagem lisboeta. Pela razao biologica de que toda a forza organica que se nao exerce se elimina, o antigo valentao plebeu deixou de ter valor mas continuou a conservar o espirito da facanha, da aventura, do amor illicito, da tavolagem e da vadiice, e tomou entao o nome de--fadista.

O fadista nao trabalha nem possui capitães que representem uma accumulacao de trabalho anterior. Vive dos expedientes da exploracao do seu proximo. Faz-se sustentar de ordinario por uma mulher publica, que elle espanca systematicamente. Nao tem domicilio certo. Habita successivamente na taberna, na batota, no chinquillo, no bordel ou na esquadra da policia. Esta inteiramente atrophiado pela ociosidade, pelas noitadas, pelo abuso do tabaco e do alcool. E um anemico, um covarde e um estúpido. Tem tosse e tem febre; o seu peito e concavo, os bracos sao frageis, as pernas cambadas, as maos finas e pallidas como as das mulheres, suadas, com as unhas crescidas, de vadio; os dedos queimados e enegrecidos pelo cigarro; a cabelleira fetida, enfarinhada de poeira e de caspa, reluzente de banha. A ferramenta do seu officio consta de uma guitarra e de um _santo christo_, que assim chamam technicamente a grande navalha de ponta e triplice calco na mola. E habitado por uma molestia secreta e por varios parasitas da epiderme. Um homem de constituicao normal desconjuntar-lha-ia o esqueleto, arrombal-o-ia com um soco. Elle sente isso e e traicoeiro pelo instincto do inferioridade. Nao ataca de frente como o espadachim ou o pugilista, investe obliquamente, tergiversando, fugindo com o corpo, fazendo fintas com uma agilidade proveniente do seu unico exercicio muscular--as _escovinhas_. Nao ha senao uma defesa para o modo como elle aggride: o tiro ou a bengala, quando esta seja manejada por um jogador extremamente dextro. A guitarra debaixo do braco substitue n'elle a espada a cinta, por meio da qual se acamaradavam com a nobreza os pimpoes seus ascendentes do seculo XVI. E pela prenda de guitarrista que elle entra de gorra com os fidalgos, acompanhando-os ainda hoje nas feiras, nas toiradas da Alhandra e da Aldeia Gallega, e uma ou outra vez nas ceias da Mouraria, onde depois da meia noite se vae comer o prado de _desfeita_, acepipe composto de bacalhau e graos de bico polvilhados de vermelho por uma camada de colorau picante. Por effeito da tradicao na orientacao mental da sua classe elle procura ainda hoje como ha duzentas annos parecer-se e confundir-se pelo modo de trajar com os fidalgos ou com os que julga taes. A classe dos fidalgos que tresnoitam hoje pelas tabernas e pelos alcouces de Alfama, que sao levantados bebedos dos becos mal afamados,

que fallam em calao e que fazem trocas no Colete Encarnado e na Perna de Pau, esta classe de fidalgos, dizemos, compoe-se hoje principalmente de jovens burguezes febricitantes, filhos de honestos lojistas ou de pacientes alfaiates, desencabrestados da rotina paterna pela educacao do lyceu e do collegio nacional, escalavrados pelo alcoolismo e pelo mercurio, profundamente corrompidos, profundamente bestializados. O fadista imita esses senhores na escolha que elles fazem dos seus trajes de pandega. Usa como elles a bota fina de tacao apiorrado ou o salto de prateleira, a calca estrangulada no joelho e apolainada ate o bico do pe, a cinta, a jaleca do astrakan e o chapeo arremessado para a nuca pelo dedo pollegar, com o gesto classico do grande stylo canalha. A guitarra, seu instrumento de industria e de amor, dedilha-a elle com um desfastio impavido, deixando pender o cigarro do canto do beico pegajoso, gretado e descaido; com um olho fechado ao fumo do tabaco e o outro aberto mas apagado, dormente, perdido no vago em uma contemplacao imbecil; o tronco do corpo caido mollemente para cima do quadril; a perna encurvada com o bico do pe para fora; o _cachucho_ da amante reluzindo na mao pallida e suja. Tambem canta, algumas vezes, apoiando a mao na ilharga, suspendendo o cigarro nos dedos, de cabeça alta, esticando as cordoveias do pescoco e entoando as melopeias do fado, em que se descrevem crimes, toiradas, amores obscenos e devocoos religiosas a Virgem Maria, com uma voz solucada, quebrada na larynge, acompanhada da expressao physionomica de uma sentimentalidade de enxovia, pelintra e miseravel.

De resto o fadista nao tem vislumbres de senso moral. Explica os seus meios de vida pelo premio tirado na cautela de pataco que lhe foi vista na algibeira cebosa do collete. Na batota concilia-se com o furto e com o roubo; na esquadra da policia concilia-se com a mentira; nas suas convivencias do bordel concilia-se com a infamia; e as condicoes especiaes em que ama e e amado acabam por dissolver n'elle os ultimos restos d'essa dignidade animal, para assim dizer anatomica, commum a todos os machos.

* * * * *

E da classe dos fadistas que saem para os tribunaes e para as cadeias os incorrigiveis da criminalidade.

A proposito do direito de punir e do modo de applicar a pena dizia recentemente ainda um escriptor inglez, fundado nas informacoes de um inspector de cadeias, que todos os criminosos presos se podiam dividir em tres cathogorias. A primeira cathogoria e composta de individuos que verdadeiramente nao deveriam ter entrado nunca na prisao. Sao lancados nas garras da lei por um accidente exterior ou por uma fraqueza de juizo ou de character, a qual nao obsta a que elles tenham uma moralidade tao sa como a de qualquer de nos. A segunda cathogoria pertencem individuos, mais numerosos que os primeiros, sem violentas tendencias moraes ou immorales, susceptiveis de serem dirigidos pelas circumstancias e de se tornarem bons ou maus segundo a direccao que recebam. A terceira cathogoria, de um numero de condemnados felizmente restricto, e rebelde a toda a disciplina, insensivel a toda a bondade, surda a todos os conselhos. Para estes a cadeia e um logar imprprio; seria preciso confinal-os em uma ilha deserta, onde o contagio mortal do seu exemplo nao fizesse novas victimas. Segundo o alludido inspector das cadeias inglezas, que tinha viajado muito e estudado attentamente todos os grandes estabelecimetos penitenciaris do mundo, o Estado nao teria senao proveito que tirar da maior somma de liberdade concedida aos presos da primeira d'essas cathogorias; aos presos da segunda classe

conviria principalmente dar instraccao; emquanto aos terceiros o melhor expediente seria a morte.

E util reflectir n'estas palavras e considerar uma coisa:

E ou nao e da classe chamada fadista que procede a maxima parte dos criminosos que passam annualmente pelo banco da Boa Hora, e cuja incorrigibilidade e em muitos d'elles attestada por varios julgamentos repetidos?

A historia do foro lisbonense nos ultimos tempos responde:

E.

N'este caso pergunta-se:

Pode a sociedade, sem incorrer em uma responsabilidade tremenda, continuar a manter pelo desleixo, a existencia legalmente tolerada de uma cathogoria de individuos que ha tres seculos pervertem profundamente os nossos costumes populares, e de cujo gremio saem os criminosos que a justica mais difficilmente corrige e mais raramente regenera?

Nao. Uma similhante tolerancia representa o mais grave dos attentados de que o Estado e cumplice perante a ordem moral. Porque, se a sociedade e irresponsavel da perversidade individual, nao succede o mesmo, e a sociedade deixa de poder ser absolvida, logo que e ella que sustenta, ao abrigo das leis, a concordancia de todas as causas conhecidas e manifestas que produzem fatalmente um determinado numero de perversos.

Dado o fadista, a sociedade nao pode certamente evitar o criminoso. A sociedade porem pode evitar o fadista. Do que modo? Procedendo a um inquerito rigoroso sobre a vadiagem e supprimindo, quanto antes, a instituicao concomitante que a justifica e a consagra:--a loteria.

Desde que um cidadao deixe de poder explicar unicamente pelos supprimentos do jogo a posse legitima dos seus meios de subsistencia, o Estado tem o dever de o prender, nao para encarcerar mas para coagir ao trabalho, matriculando-o em qualquer das officinas do governo: na cordoaria, na fabrica de polvora, no arsenal, na imprensa, etc.

* * * * *

O mais perigoso de todos os animaes vadios e o homem. Comparado com elle o cao, ainda quando damnado, pode-se considerar inoffensivo. E todavia a policia, que tem para o cao que ainda se nao damnou as precaucoes da rede e da carroca, nao tem para o vadio, em pleno exercicio do seu contagio, senao um expediente repressivo: o de lhe archivar a photographia no commisariado geral.

Quer a policia um bom conselho, que resume tudo? Inverta os seus meios de garantir a seguranca publica: tire o retrato aos caes e deite a rede aos fadistas.

* * * * *

Repentinamente, inesperadamente, sem ninguem saber porque, no principio do mez passado, os poetas portuguezes dividiram-se em duas legioes

contrarias, arrojaram-se encarnicadamente uns sobre os outros, esmurraram-se, esguedelharam-se, cuspiram-se na face em odes, acoitaram-se medonhamente nas carnes a golpes de alexandrinos, e viram-se de parte a parte nodos negros da pancadaria nas regioes lombares das musas.

Mysterio sobre as causas que moveram tao crua guerra entre duas escolas poeticas alias tao pacatas que nem se sabia nos respectivos bairros que ellas existissem: a escola da Idea Velha e a escola da Idea Nova!

* * * * *

Os da Idea Velha dizem que nao ha nada como a idea d'elles. E fundam-se para isto em que e uma idea solida, experimentada, garantida.

O primeiro grande e inspirado poeta de segunda ordem que a manejou encontrou-a estirada ao comprido no seu caminho ha cerca de quarenta annos.

Ergueu-a do chao como morta, chuchada, espipada, moida pelas pegadas de duas geracoes, espalmada como uma pellicula pelo piso das alimarias e pelas rodas dos vehiculos que passaram na via, sobre o macadam enlameado. O primeiro, pela ordem chronologica, dos nossos grandes e inspirados poetas de segunda ordem, pegou na Idea Velha por uma ponta e pol-a ao alto. Soprou-a, encheu-a, attestou-a, retesou-a de novo. Depois lavou-a, catou-a, cortou-lhe as unhas, penteou-a, metteu-lhe louro fresco na fronte, poz-lhe ao peito uma bonina de cera feita na Margotot e levou-a comsigo a sociedade, onde a receberam bem. Cercaram-a varios outros nao menos grandes nem menos inspirados poetas de segunda ordem do que aquelle que a levantara do chao. Andou pelo braco de um e pelo braco de outro recebendo declaracoes de affecto e dadivas de amor. Mao tao dedicada quao firme cravou-lhe sobre a bonina de cera feita pela Margotot uma mariposa de tarlatana com as pequenas azas abertas, em spasma, feita no Casademund. Levaram-a aos espectaculos, as solemnidades publicas, as casas particulares, e por toda a parte foi acolhida com agrado. Recitou aos pianos; escreveu endeixas nos albuns; collaborou na Grinalda e no Almanach de Lembrancas; dedicou versos a Lapa dos Esteios, a Stoltz e a Novello e ao funeral da senhora D. Maria II; concorreu com a sua pedrinha para o monumentosinho levantado a Ovidio e as Gracas nas notas da versao portugueza dos Fastos. Foi da Assembleia da Galocha, na rua Nova do Carmo, e do Gremio, que tomou o nome de Litterario para a receber e cujos socios affirmaram, para lhe serem agradaveis, o seu amor a lettras deitando bigode e pera. Ella penetrou finalmente nas altas regioes officiaes. Foi aos pacos dos nossos reis! De quando em quando observava-se que ella comecava de repente a encolher, a chupar, a fazer pregas: ia-lhe saindo o vento com que fora insuflada pelo genio dos maiores poetas portuguezes de segunda ordem, e era tragico e aterrador o seu aspecto, qual o de uma concertina que se fecha. Mas n'estes casos afflictivos vinha o canudo da publica opiniao, e todos sopravam para dentro novo ar pelo dito canudo a Idea Velha. O poder moderador, com a sua real coroa na cabeça e o seu real manto as costas, era o primeiro a soprar, bochechudo, vermelho, heroico. Seguiam-se por ordem hierarchica os grandes do reino, alguns dos quaes, achando-se tao chupados e tao desfallecidos como a propria idea que eram chamados a revificar com o seu alento, sorviam-a em vez de a bufar, e retiravam-se mais turgidos, mais tesos, mais grandiosos. Vinham depois as classes medias, que com a sentimentalidade que as caracteriza, choravam de ternura olhando para a fidalguia nobremente enfunados nos seus uniformes e lembrando-se de que ellas, miseras classes medias,

tinham tido a honra de bufar a mesma idea e pelo mesmo canudo que servira a primeira fidalguia d'estes reinos e ao augusto chefe do estado. O povo queria tambem soprar, mas os lojistas da Assembleia da Galocha e os empregados publicos do Gremio nao o permitiam, e torcendo altivamente o bico das peras, diziam que a Idea se nao se podia por a merce da populaca infrene e ignara. Vivendo assim a custa do sopro dos poderes legalmente constituídos e da burguezia, protegida pelos partidos conservadores e pela municipal, defendida pelos criticos do botequim do Martinho e pelos philosophos da carta constitucional da monarchia, a Idea, definitivamente consagrada pelo applauso das grandes massas, deu entrada na Academia e no Instituto de Coimbra. Botaram-lhe ao pescoco a condecoracao do lagarto. O sr. Mendes Leal votou-lhe a theorba, ajoelhou-se-lhe aos pes e propoz-lhe leval-a as aras de Hymenen; ella porem, habituada a ser de todo o mundo, recusou a chamma ardente mas exclusiva do vate. Este, de pura dor, pregou na parede um prego e suspendeu n'elle, por um laco de crepe, a theorba emmudecida e viuva.

Nos ultimos annos a Idea Velha desaparecera do bulicio do seculo e da communicacao das gentes. Julgavam-a uns no Asylo, outros no Aljube. Algumas pessoas devotas tinham-lhe ja resado por alma. Soube-se agora, com grande satisfacao dos que a conheceram no galarim, que a Idea Velha ainda esta viva e que se occupa em andar a dias pelas casas particulares onde nao ha outra idea de dentro para o servico da familia.

* * * * *

Os da Idea Nova teem esta falha notavel: suppoem que a Idea velha vigora, que domina, que reina ainda, que governa a consciencia humana, que prepondera nos destinos do mundo, E veem-se mocos honestos e engracados, assumindo uma seriedade que faz arripiar os cabellos aos pathologistas, dispenderem o seu nervosismo precioso a combaterem, como se fosse uma forca da natureza ou uma corrente da sociedade, aquillo que ha meio seculo nao passa do um artificio convencional e de uma superfetacao litteraria da banalidade e da insipidez ociosa, sem pega em nenhum dos interesses do espirito ou do coracao do homem no tempo presente.

* * * * *

O Primo Bazilio, novo romance de Eca de Queiroz, e um phenomeno artistico revestindo um caso pathologico. Para bem se comprehender esta obra e preciso discriminar o que n'ella pertence a jurisdiccao da arte e o que pertence aos dominios da pathologia social.

* * * * *

Eis a doenca que este livro accusa:--A dissolucao dos costumes burguezes.

O mais caracteristico symptoma d'esse mal e a falsa educacao. A educacao burgueza tem um defeito fundamental: mantem na mulher a mais terrivel, a mais perigosa de todas as fraquezas, Esta fraqueza consiste no seguinte: No fundo mais intimo e mais secreto da sua existencia de artificio e de apparato a burgueza sente-se conscienciosamente mesquinha e reles. Vamos ver porque.

Porque na burgueza, na burgueza de Lisboa principalmente, ha uma

desharmonia medonha, um contraste assombroso de desequilíbrio entre a representacao da vida exterior e o systema da vida intima.

Basta olhar de fora para as casas, basta considerar o aspecto exterior do templo para se fazer uma ideia do que pode ser dentro o culto d'essa religiao--a familia!

Comparem-se as nossas edificacoes urbanas, os casaroes da baixa--rectangulares, batidos pelo sol mais ardente e pelos ventos mais asperos, desguarnecidos de venezianas, chatos, uniformes, rasos de toda a saliencia, de todo o ornato, como casernas ou como cadeias--com as graciosas construccoes arabes da Andaluzia ou da Estremadura hispanhola, com o seu claustro interior, o pocco de marmore ao centro do pateo, as galerias concentricas vestidas de trepadeiras em flor, abrindo sobre o pequeno jardim, que e o coracao da casa. Comparem-se com as sabias edificacoes modernas do norte da Europa, da Inglaterra, da Allemanha, da Hollanda, da Dinamarca. Ponha-se a fachada de qualquer dos nossos predios do bairro central de Lisboa ao pe dos novos predios de esquina de rua no Hanover. As novas casas allemas no stylo gothico francez, modificado segundo as exigencias da civilisacao moderna, sao obras primas de arte, inspiradas pela mais exacta comprehensao da hygiene, da moral, da estetica; sao verdadeiros instrumentos auxiliares do melhor systema de educacao. Construidos exteriormente de tijolos de tres cores, branca, cor de rosa e preta, ornados de pequenos eirados, de terracos cercados de hera, de estufas, de _logettes_, de aviarios em que se cantam os passaros, de balcoes em que desabrocham as flores sempre frescas, esses predios, que teem a attractiva frescura exterior de outros tantos ramalhetes, sao interiormente distribuidos do modo mais elegante, mais digno, mais accomodado aos deveres, aos respeitos, aos nobres prazeres da familia. A disposicao mais escrupulosamente estudada do salao, da biblioteca, da casa de trabalho, da copa, do jardim, de todos os compartimentos interiores da risonha colmeia penetrada de boa luz e bom ar, permite as mulheres o saudavel prazer de girar na casa, activamente, n'uma grande variedade de aspectos pittorescos e alegres.

As casas do centro do Lisboa, de uma uniformidade cellular monotona, parada como um olhar idiota, sem pateo, sem uma arvore, sem uma folha de verdura fresca e palpitante, tendo por amago o saguao sombrio e infecto, com a ultrajante pia no interior da cozinha ao lado do fogao por baixo das cacarolas, com alcovas sem luz, enodoadas pelas manchas dos canos rotos, inficionadas pelo cheiro nauseabundo do petroleo e da alfazema queimada, sao os sepulchros da saude e da alegria.

E n'essa serie de prateleiras, de gavetoes de familias, que se chamam os _Arruamentos da Baixa_, que e educada a lisboeta.

Uma senhora franceza, tendo viajado em toda a Europa e visitando recentemente Lisboa, communicava-nos esta profunda observacao:

"Noto um facto que me enche de perturbacao e de horror--n'esta cidade nao ha creancas."

Quizemos convencer do contrario essa senhora. Era em um dos primeiros bellos dias da presente primavera, de uma grande amenidade luminosa e balsamica, tinham chegado as andorinhas e as borboletas cor de palha, desabotoavam-se as rosas da Alexandria, appetecia desentorpecer os musculos na elasticidade de um bom exercicio, ouvir a agua, ver os musgos, passeiar ao sol. Fomos ao jardim da Estrella, ao da Patriarchal, ao de S. Pedro de Alcantara, ao do Campo de Sant'Anna, aos _squares_ do

largo de Camoes, da praca das Flores, do Aterro: la encontramos effectivamente um pouco de sol, alguma relva, alguma agua, mas nao encontramos uma unica creanca, a cuja saude sua mae se tivesse sacrificado por uma hora, abandonando n'esse breve espaco de tempo a sua preocupacao de magnificencia e vindo simplesmente com o seu trabalho ou com a sua leitura, de uma d'essas arvores, fazer crescer ao ar livre o seu filho, preparado para esse effeito com um bom banho e com um bibe fresco.

Nos dias de bom tempo, enquanto a maioria das senhoras de Lisboa frequentam as lojas ou fazem visitas, onde e que estao as creancas? As creanca estao dentro das casas que acima descrevemos--_a tomarem proposito. Tomar proposito_ e uma locucao essencialmente local e intraduzivel, que quer dizer: aprender a nao saber andar, a nao saber rir, a estar quieto e a estar calado, a corromper os mais nobres instinctos da natureza humana, finalmente a dissimular e a mentir. A menina so principia a sair de casa depois de ter tomado o proposito indispensavel para nao tagarellar imprudentemente, para nao contar que houve favas para o jantar ou que o papa ralhou com a mama. Haver favas para o jantar e ralharem o papa e a mama e de resto tudo ou quasi tudo quanto se passa em casa, porque nao ha interesses de espirito, nem ha instructivas occupacoes praticas. Falta o jardim, a grande escola da infancia onde os rapazes formam o caracter trepando ao alto das arvores, e as raparigas mondando os canteiros e protegendo os insectos e as flores. Tambem nao ha biblioteca. Leem-se apenas as bisbilhotices do jornal e os romances das traduccoes baratas. Nenhuma especie de estudo. Nenhuma applicacao intellectual. Ignorancia absoluta de todas as coisas da natureza e da vida. Aos sete annos a menina vae para o collegio, onde aprende o francez e o inglez. Esta educacao completa-se em casa ensinando-se-lhe a tocar piano. Todas as prendas da sua educacao sao appendices de sua _toilette_: uma bonita letra, uma bonita pronuncia das linguas, e a _phantasia_, o bonito trecho de salao tocado no piano diante das visitas. Que sabe ella da arte, da sua natureza, da sua funccao sobre o nosso espirito? Que livros leu proprios para lhe suggerirem um alto ideal, para lhe darem o criterio artistico? Leu os jornaes noticiosos e as revistas de modas, os romances de Ponson du Terrail, de Xavier de Montepin, de Bellot, de Dumas filho. Nao leu ou nao entendeu nunca nenhum dos grandes educadores do espirito moderno, Michelet, Dickens, Andersen, Froebel.

Nao a interessa nenhum dos phenomenos da natureza, porque ignora completamente as leis que regem o universo e que determinam esses phenomenos.

Nao a distraem os interessantes cuidados do _menage_, porque da casa, assim como da arte, assim como da natureza, o que aprendeu ella? Sem nenhuma nocoes da hygiene, nem da chimica alimentar, nem da historia das sciencias e das industrias que fornecem os instrumentos da actividade ou do conforto domestico, os graves arranjos da casa, tao moralisadores e tao attractivos, teem para ella o character de um mister gnobil, desprezivel, adjudicado, com toda a porcaria que constitue a essencia da cozinha nacional, a discricao de uma criadagem villa, que retribue o desprezo de que e objeto traindo, maldizendo e roubando. Da casa o que ella sabe unicamente e que ha duas ou tres salas de apparato que se mostram as pessoas de fora; um quarto mais ou menos infecto, uma possilgueirinha mobilada pelo Garde, em que ella dorme ate as dez ou onze horas; um criado que furta nas compras; uma cozinheira que da respostadas; e uma latrina contendo um fogao em que por meio de varias borundangas cabalisticas e secretas consta que se fabrica a sopa.

Na religiao ella padece os mesmos descontentamentos vagos e confusos que a humilham na vida social. Devota, appetite as altas penitencias elegantes: as romagens a fonte de Lourdes; a oracao em frente da gruta no meio de velhas princezas romanescas e beatas; os jubileus em S. Pedro de Roma; a contriccao aos pes do summo pontifice, coberta de renda preta, entre os peregrinos da mais pura aristocracia, misturando ao fumo do incenso o perfume lascivo e penetrante do opoponax, enquanto os orgaos solucam e o sol coado pelas vidracas coloridas se espelha nas couracas dos bellos guardas de bigodes torcidos e espadas desembainhadas. Presta ainda bastante consideracao as interessantes ceremonias da elegante religiao nacional, como a do Mez de Maria na bonita igreja de S. Luiz, enramilhetada de brancas acucenas, fresquinha e graciosa, semelhante a uma _bomboniere_, ou como a da Semana Santa nos Inglezinhos, a cuja _petite entree_ destinada aos intimos rodam os _coupes_ magnificos da piedade escolhida.

Mas pelo Deus da sua convivencia habitual, pelo pobre Deus de gesso do seu _benitier_ barato; pelo Deus da procissao do Carmo e da procissao da Saude, servido por padres barrigudos e oleosos, com as voltas sujas, arrotando mofetos atraz dos andores; por esse Deus um tanto caturra, um tanto carola, pelo Deus da Baixa em fim, ella nao tem senao duvida ou desdem.

Na moral as suas conviccoes baseiam-se em uma serie de principios theoreticos, que ella viu sempre ou quasi sempre refutadas por uma serie contradictoria de interesses praticos, tirando esta conclusao: que o dever consiste na mais habil combinacao que se possa fazer d'essas theorias e d'esses interesses para o fim de chegar a este ultimo resultado, ao qual tendem solidariamente todas as fraquezas das sociedades corruptas:--o socego.

Aos dezessete ou dezoito annos ella entra no mundo, isto e, principia a ir aos bailes, a frequentar o theatro, a ler romances, a conversar com os homens. Percebe entao vagamente que ha em alguma outra parte, n'outra regio social, em outro bairro ou em outro paiz talvez, um mundo diverso do seu pequeno mundo insipido, ordinario, estúpido: que nem todas as raparigas vivem como ella, pura boneca, no interesse exclusivo da moda e da _toilette_; com uma cabeça oca; n'um quarto que nao cheira bem; tendo um pae, automato de secretaria, de carteira ou de balcao, que pensa pela cabeça de um jornal barato e mal feito, e uma mae que se enfastia medonhamente na sua bata e na sua ociosidade de cerebro, em revolta cntra o destroco dos annos e contra o preco crescente dos generos alimenticios, ralhando habitualmente com as criadas, ralhando com o aguadeiro, ralhando com o marido.

Principia entao a causar-lhe um tedio profundo, nauseante, a sua vida domestica: a casa de aluguel de que muda de anno em anno; o seu pequeno quarto sem tradicoes, sem historia, como o de uma estalagem; o saguao infecto, onde zumbem no verao as grandes moscas gordas e pesadas; a cozinha escura como uma exovia, deixando pender em esphacelamento as cacarolas gordurosas e as loucas esbotenadas; a sala pretenciosa e inutil com os moveis angulosos e perfilados, o tapete com dois cavallos arabes defronte do sofa, a lythographia da mulher que sorri, o album dos retratos dos parentes com o seu ar endomingueirado e palerma, as flores de papel, as missangas, e o globo de vidro azul pendente de um cordao no meio dos cortinados.

Ella tem um secreto ideal de grande elegancia, de alta distinccao

decorativa, o que quer que seja de superfino, de requintado, de exótico, semelhante ao que viu no teatro ou ao que leu em um romance de Feuille. E julga-se superior, predestinada para uma existência mais nobre, incompreendida no seu meio, que a envergonha. E nunca se refere a sua vida íntima sem mentir. Mente ridiculamente a respeito das coisas mais simples, mais triviaes, e e para se dar um aspecto superior, para se encobrir do que e, que ella assim mente. Mente do modo mais miseravel a respeito dos criados que não tem, das visitas que não faz, da opera que não viu, dos livros que não le, da modista a que não vae, dos banhos que não toma, dos jantares que não come, das dignidades, das distincções ou do luxo que não usa.

Casada, procura finalmente realizar os seus sonhos de leitora de romances e de frequentadora dos dramas do teatro de D. Maria. Mas não lhe sae o que quer: não sabe organizar aprazivelmente a casa, não sabe tornar encantadora a familia.

Humilhada, infeliz, começa a descoroar a pouco e pouco da sua predestinação superior. Sente que ha na sua constituição moral uma falha da qual resulta o desequilibrio dos seus actos com as suas aspirações. Não se acha firme na posse da existência. Falta-lhe essa tranquilla e serena harmonia que se chama a perfeita dignidade e que e o resultado da perfeita educação.

Se n'esse estado de espirito um homem que ella tenha por eminentemente superior a notar e a seguir, por pouco que esse homem conheca o facil processo de revigorar uma abatida vaidade romantica, ella cairá com uma simplicidade tragica.

O homem superior, segundo o criterio da mulher em taes condições, e o dandy. Porque o dandysmo e a unica forma sob a qual a distincção se lhe apresenta como uma coisa perceptivel. O cerebro mais provido do nobres pensamentos tera para ella menos seducções do que uma cabeça bem penteada, de cabellos espessos, anellados, separados nitidamente por uma fina risca cor de rosa, perfumada de fresco. Nenhum encanto de espirito, nenhuma delicadeza de coração, nenhuma virtude de caracter exercera sobre a imaginação d'ella a fascinação com que a subjuga a alta elegancia authenticada aos seus olhos pelo crevetismo precioso. O seu homem superior, o seu homem irresistivel, o seu homem fatal, sera aquelle que usar no seu banho a mais fina perfumaria, o que houver jantado nos mais celebres restaurantes do _boulevard_, o que se vestir e se calçar nos primeiros fornecedores da Europa, o que mais se tiver desgastado do musculos e do cerebro nos altos vicios, o que mais segredos tiver para contar das suas intimidades no mundo especial cujas mulheres consomem por dia cem ou duzentos luizes em _foie gras_, em _Champagne Clicot_, e em _Cold-creame_.

Se um tal homem, seccado, aborrecido, verdadeiramente estoirado nos refinamentos da sensualidade, habituado a raspar os seus sapatos nos tapetes de Smyrna dos _boudoirs_ forrados de setim, envoltos em renda de Franca, mobilados de sandalo fosco esculpido, cheirando as penetrantes essencias de Lubin e a febre mal dissipada das devoradoras noitadas; se um tal homem, dizemos, se ajoelhar um dia aos pes d'ella, para lhe dizer obscenidades ao ouvido, as mesmas obscenidades que dizia as outras, _amando-a_ finalmente, amando-a elle, apezar do que ella considera as suas inferioridades: apezar das suas meias com uma passagem, apezar do seu joelho desformado pela falta de circulação proveniente de um defeito caracteristico da sua raca, o defeito de não saber atar as ligas; apezar ainda do seu quarto cheirando a pia, dos seus sapatos mal feitos, do seu

espartilho barato, da sua _toilette_ da Baixa, da sua pomada de botica e do seu halito de dyspeptica denunciando um pouco a cebola do refogado nacional ... Se, apesar de tudo isso, tao desdenhoso, tao frio, tao gloriosamente corrupto, tracando a perna, descobrindo desleixadamente as suas meias de seda bordadas, torcendo no dedo os seus anneis inglezes, encasando no olho o seu monoculo, aproximando n'uma intimidade attenciosa e benevola as scintillacoes do seu correcto _plastron_ de Poole, e as exhalacoes frescas e aromaticas do seu bigode e do seu cabelo frisado a Capoul, elle souber pedir, ella pela sua parte nao sabera negar.

* * * * *

Tal e o caso de pathologia social, caso profundamente verdadeiro, medonho, tragico, sobre o qual Eca de Queiroz escreveu _O Primo Bazilio_, romance realista.

Realista porque? Por isso mesmo que exprime uma conviccao social, e e esse o caracteristico essencial da arte moderna. O romantismo nao tinha senao conviccoes esteticas, e satisfazia assim as necessidades de espirito da sociedade que fez a Revolucao, que caiu no Imperio, que supportou as guerras de Bonaparte, e cujos cerebros nao pediam a arte de 1830 senao uma coisa: serem acalmados e adormecidos. Os poetas entao cultivaram o idyllio amoroso e fizeram poemas dos seus proprios estados de espirito; os romancistas e os dramaturgos inspiraram-se nas tradicoes gothicas da idade media e fizeram uma restauracao litteraria e burgueza da cavallaria. De resto, nos artistas romanticos, perfeita emmancipacao da forma mais profunda indiferenca pela questoes sociaes do seu tempo. Elles foram successivamente ou cumulativamente catholicos, pantheistas, atheus, monarchicos, realistas, imperialistas, republicanos, scepticos, phylanthropos.

A sociedade actual deixou de ser uma sociedade que repousa. E uma sociedade que se reconstitue inteiramente e profundamente desde todas as pontos da sua periphria ate as mais reconditas intimidades do seu ser. Esta reconstituicao nao se esta fazendo empyricamente pela revolucao ou pela sentimentalidade, esta-se fazendo scientificamente pela convergencia harmonica de todos os esforcos intellectuaes sobre o mesmo problema. Compreendeu-se que sao solidarios todos os estudos, os do mundo inorganico e os do mundo organico; que sao correlativas todas as leis desde a da indestructibilidade da materia ate a da evolucao social; que finalmente se nao pode chegar ao conhecimento positivo de nenhum phenomeno, quer da natureza, quer da sociedade, sem conhecer integralmente a serie ou a sequencia de series em que elle e o elo que prende um phenomeno anterior a um phenomeno subsequente.

N'esta liga de todos os espiritos para um fim commum, liga tao estreita, que cada nova lei, cada nova theoria, cada nova hypothese em qualquer dos ramos da sciencia se reflecte na direccao de todo o trabalho mental em qualquer das suas manifestacoes, dando por exemplo a theoria zoologica da adaptacao ao meio um methodo novo na critica,--n'esta liga, dizemos, a arte nao pode deixar de ter um papel diverso do que tinha ha trinta annos. Esse papel e-lhe imposto fatalmente pela nova orientacao mental da sociedade. A arte moderna nao pode ja hoje basear-se em risonhas conjecturas abstractas, tem de assentar, para que nos interesse e para que tenha a importancia de um agente da civilisacao, em factos de character scientifico, isto e: em factos que sejam a funccao de leis sociologicas. Queremos factos, nao queremos exclamacoes: _Res non verba_.

Foi da palavra _res_, tomada precisamente n'essa accepcao litteral, que se tirou a designacao _realismo_.

Chamar realismo ao que e puramente grosseiro, ao que e descarado, ao que e torpe, e calumniar o dogma. Uma obra de arte pode conter o maximo numero de torpezas e de obscenidades e nao deixar por isso de ser simplesmente lyrica.

O _Primo Basilio_ e um romance realista porque e a representacao de um facto social visto atravez de uma conviccao scientifica. Luiza, a amante do primo Basilio, e a personificacao tremenda da tendencia morbida de uma epoca. E e n'isso que consiste a alta moralidade do livro. O ser Luiza _castigada_ (para nos servirmos da velha formula que via a moral dos livros no premio que n'elles se concedia a virtude e no castigo com que n'elles se fulminava o vicio), o ser castigada por meio de uma morte afflictiva e um facto accessorio, que nao conteria senao esta moral negativa, se d'elle se quizesse extrair uma moral:--que para evitar a morte por desgosto se deve attender no adulterio a que se queimem as cartas.

A moral d'este livro nao esta em que a prima de Basilio morre depois da queda; esta em que ella--_nao podia deixar de cair_.

Reconhecemos que esta moral e pouco accessivel a maior parte das comprehensoes. Esse e o grande mal do livro, ou antes esse e o grande mal da litteratura de que o livro faz parte. O _Primo Basilio_ suppoe um estado de civilisacao artistica e litteraria superior a que existe na sociedade portugueza. Suppoe manifestacoes paralelas nas applicacoes da philosophia, na moral, na arte da pintura, na arte das construcoes, na hygiene, na politica, na pedagogia, na critica das instituicoes, na critica dos costumes, na propria critica da arte.

Ora essas manifestacoes nao existem por emquanto n'um estado de vulgarisacao que determine uma corrente harmonica no sentido a que se dirige a arte tal como a comprehende, do modo mais elevado, o auctor do _Primo Basilio_. A sociedade portugueza nao comprehendeu ainda de um modo collectivo e solidario, que e urgentemente indispensavel por todas as manifestacoes do pensamento proceder a reconstituicao da educacao burgueza.

De sorte que o dizer-se, como n'esse livro, a mulher nossa contemporanea: "Eis--aqui esta o modo pavorosamente simples como tu te rendes da maneira mais ignobil ao mais ignobil dos homens",--parece um insulto aquellas que sao as nossas amigas, algumas d'ellas as nossas companheiras de trabalho, as nossas maes, as nossas irmas, as nossas filhas. Essa affirmacao, porem, deixaria de ter um character aparentemente aggressivo se o artista podesse acrescentar:

"Eu nao sou um homem isolado no meio da sociedade a que pertenco. Sou uma parte d'essa legiao de trabalhadores dedicados, profundamente honestos, que se sentem impellidos na obscuridade do seu estudo por esta ambicao heroica:--tornar o mundo mas bello e a humanidade mais digna. Na minha qualidade de artista, a ti mulher que me les, o mais que eu posso fazer e commover-te de um modo profundo, levantando para esse fim o problema que mais directamente prende com o que ha em ti mais sagrado, com a tua castidade, com a tua honra. O amor clandestino, que a arte romantica personificava aos teus olhos em figuras apaixonadas, de um alto vigor dramatico, de um relevo fascinante, offereco-t'o eu tal como

elle hoje te ha de apparecer na vida real, na pessoa de um biltre asqueroso, bem vestido, correcto, pelintra no fundo, meio principe e meio forcado das gales, friamente calculador, sovina, absolutamente podre. E e esse o homem que tu, pobre rapariga honesta, de preconceito em preconceito, de erro em erro, es trazida, atravez de todos os elementos que constituem a falsa educacao que te deram, a admirar e a proferir sobre todos. Se na sociedade a que tu pertences e a que eu pertenco ha uma religiao, se ha uma politica, uma moral, uma sciencia, um jornalismo, uma critica, todos esses poderes mentaes harmonicamente e convergentemente estarao n'este momento--no momento em que eu tenho a concepcao artistica do _Primo Basilio_ --actuando sobre todas as influencias que te rodeiam para o fim de te darem da vida domestica, do amor, da familia, da dignidade, do dever, uma comprehensao nova, assento em factos verificaveis, geometrica, positiva, inabalavel. A religiao compete elevar e fortalecer positivamente a tua consciencia ou demittir-se da solucao do teu problema. A politica, emprehender a reforma das instituicoes em vista do teu aperfeicoamente. A moral, fazer-te comprehender a nocao da justica. A sciencia, o determinar com a maior clareza as leis eternas do teu destino. Ao jornalismo, o fazer a applicacao d'essas leis aos phenomenos sociaes de cada dia. A critica, finalmente, o explicar-te a minha obra. A mim, porem, nao me competia como artista senao uma coisa: depois de conceber espontaneamente a minha these, fazel-a viver na maxima elevacao esthetica: porque meio? por meio da mais perfeita forma que pode attingir a arte. Foi o que eu fiz."

Se com a natureza essencialmente artistica de Eca do Queiroz fosse compativel a humildade de uma explicacao n'essas bases, o seu livro teria no leitor uma influencia de muito maior alcance moral. Mas um artista tem a obrigacao de se nao explicar,--o que seria invadir uma funccao alheia na justa divisao do trabalho intellectual moderno. Ha um gosto publico do qual precede uma critica official, assim como ha uma religiao do Estado da qual procede uma hypocrisia publica. Ora assim como o philosopho deve ser indifferente a theologia, o artista deve ser indifferente a opiniao. Mas esta independencia da philosophia e da arte, se por um lado e a condicao essencial da sua missao perante a pura arte e perante a pura philosophia, por outro lado ella e a principal causa de ficarem por muitas vezes addiados os mais importantes problemas perante a comprehensao dos espiritos e a satisfacao das consciencias.

Taes foram as razoes porque--ao terminar ha mez e meio a leitura do _Primo Bazilio_,--uma tao perfeita obra, que a consideramos como sendo uma d'aquellas que mais honram a humanidade e de que mais se deve gloriar uma litteratura--nos fizemos esta propheta: Que este livro seria como um d'esses complicados instrumentos mechanicos destinados a observacao dos mais delicados phenomenos da chimica, da optica ou da biologia, instrumentos inuteis--as vezes perigosos--para todo aquelle que nao tem a sciencia de os por em exercicio e de ver por elles a divina revelacao de um novo mundo.

* * * * *

O _Diario Illustrado_, publicando o retrato e a biographia do sr. Osborne Sampaio, tece-lhe o seguinte elogio:

"Conta-se que estando ha dois annos em Cauterets, chegou um dia, depois de jantar, a uma janella e lembrando-se do admiravel panorama que se desfructa da sua casa de Lisboa, uma das melhor situadas,

exclamou:--Quem me dera ja na minha casa do pateo do Pimenta!"

* * * * *

O _Diario Illustrado_ nao ousa afirmar de um modo terminante que o sr. Sampaio tivesse effectivamente proferido aquellas memoraveis palavras; o _Diario Illustrado_ diz apenas: _Conta-se ..._

Ora este caso nao se pode deixar assim envolvido na duvida. Sao historicas as palavras do sr. Sampaio ou sao puramente uma legenda das montanhas, inventada pela imaginacao supersticiosa dos pastores dos carneiros negros, ou pela tagarelice anecdotica dos mercadores da feira de Tarbes? Pode o _Diario Illustrado_ firmar com a sua palavra de honra a authenticidade d'aquellas expressoes? Foi effectivamente o sr. Sampaio que as proferiu? Interroguemnos gravemente as nossas reminiscencias! ... Nao seria antes algum dos outros heroes ja celebres na historia da cordilheira dos Pyreneus? Nao seria o paladino Rolando, sobrinho de Carlos Magno, marido de Alda a Bella, o que antes de morrer quebrou a Durindana na batalha de Roncesvalles? Nao seria o proprio Carlos Magno? Nao seria Sancho o Encerrado, ou seu genro Theobaldo, conde de Champagne? Nao seria Plantade, o Astronomo, que morreu em extase diante da belleza da paisagem, entre os valles de Bareges e de Bagnere?

Esta o _Diario Illustrado_ no caso de sustentar, debaixo de jura, por tudo quanto ha para elle mais sagrado, com a dextra sobre a cabeça do sr. Carvalho Ratado, que foi indubitavelmente o sr. Osborne Sampaio quem, depois de jantar, a janella da hospedaria, palitando talvez os dentes, na casta simplicidade dos grandes heroismos, enunciou aquelles dizeres?

Esperamos, tranquillos mas resolutos, a resposta de _Diario Illustrado_.

Porque, se se chegar a confirmar irrevocavelmente que existe, com effeito, no nosso seculo e em um dos nossos pateos, um homem assas convicto em suas crencas, assas profundo em suas vistas e assas firme em suas resolucoes, para ter dito um dia, de tarde, ao acabar de jantar:--_Quem me dera ja na minha casa do pateo do Pimenta_--; se tal phrase nao e uma ficcao, se ella existe realmente fora do estado abstracto de suspeita destituida de fundamento,--o paiz nao pode cruzar os bracos, inerte. Seria indigno, porque nunca palavra tao lucida como a que o _Illustrado_ cita marcou a differença, toda favoravel a nossa patria, que distingue os Pyreneus e o Ferregial de Baixo!

* * * * *

Os regulamentos disciplinares da universidade de Coimbra teem dado ultimamente em resultado riscar um avultado numero de estudantes pelos seguintes delictos, cada um dos quaes foi objecto de um processo especial:

- 1.º Rir atraz da procissao dos Passos.
- 2.º Ser testemunha de um duello abortado, proposto a um professor por um viajante.
- 3.º Nao ter dado pateada a um lente.

4.º Parecer constrangido a dar licao.

5.º Jogar o pugilato com um ou mais futricas nas ruas de Coimbra.

* * * * *

Os alunos condemnados pela perpetracao dos delictos 1, 2, 3 e 4 appellaram para o Poder Moderador, o qual lhes commutou a pena de expulsao temporaria em alguns dias de cadeia.

Procedendo d'essa forma o Poder Moderador nao tomou em consideracao necessidade de fazer proceder a revisao da legislacao academica. O Poder teve apenas em vista o _desgosto_ infligido pela sancao dos regulamentos universitarios as familias dos alumnos condemnados:--No que o Poder mostrou ter um coracao do excellente rapaz alliado a um cerebro de legislador mediocre.

* * * * *

Esta pendente da confirmacao regia, segundo nos consta, a pena imposta aos reus do crime n.º 5, julgados ja segundo o direito commum e absolvidos pelos tribunaes civis.

N'esta conjunctura perguntamos:

E admissivel que sobre o mesmo facto recaia por esse modo o julgamento de dois tribunaes paralelos? Pode a sociedade tolerar que cidadaos de uma certa classe estejam sujeitos por uma legislacao especial a serem julgados em dois foros distinctos, recebendo duas punicoes em vez de uma, se as duas sentencas forem conformes; ou sendo simultaneamente tidos por innocentes e tidos por culpados, se as duas sentencas forem contrarias?

Responder-nos-hao que o tribunal academico julga de circumstancias especiaes que nao sao submettidas a apreciacao dos tribunaes ordinarios?

Mas n'esse caso o tribunal academico com relacao ao crime de que se trata toma o character de um tribunal escolar ou de um tribunal de honra.

Como tribunal escolar a Universidade cabe apenas decidir se o facto de sovar um futrica obsta a que se aprenda uma licao.

Com tribunal de honra a Universidade precisa de nao perder de vista que quando se trata d'algumas bofetadas ou d'alguns pontapes, o deshonorado nao e propriamente quem os da, e por via de regra quem os recebe.

Se a Universidade insiste em julgar sob outro ponto de vista as questoes d'esta ordem, a Universidade converte-se em uma escola de poltroes e de covardes, destinada a dissolver completamente os restos de virilidade que ainda possa haver na mocidade portugueza.

Todo o homem que se nao acha devidamente temperado na sua natureza physica e na sua natureza moral para o fim de resistir energicamente, com risco da sua propria vida, a uma offensa pessoal, e um homem corromido, sem o sentimento do respeito devido a dignidde da sua especie, atreito as paixoes mesquinhas, com manhas de reptil.

* * * * *

Se a Universidade tem o intento de educar os seus bachareis para sevandijas ou para freiras, a Universidade faz bem proseguindo no velho systema que tem por fim levar o estudante que queira concluir honrosamente os seus estudos a proceder diante diante das ameacas da forza alheia por um d'estes dois modos: fugindo ou apanhando.

Se porem a Universidade quer fazer verdadeiros homens e verdadeiros cidadaos, a universidade andaria melhor abstendo-se de uma vez para sempre da instauracao de processos ridiculamente pueris, requerendo das cortes a reforma dos seus regulamentos disciplinares, prescindindo de atrophiar no coracao da mocidade com um regimen fradesco os sentimentos naturaes de valor e de brio, e pondo cobro ao passatempo indigno da velha troca academica por meio da instituicao de exercicios viris, propios de uma mocidade honesta e forte:--a gymnastica obrigatoria, a escola de tiro, a esgrima, a lucta, o insubstituivel _cricket_.

* * * * *

No paiz mais tradicionista e mais formalista do mundo,--no paiz em que Deus segundo Taine e um personagem official com os seus cortezaos e os seus aulicos,--no paiz em que tendo uma vez esquecido fallar da Providencia n'um discurso da coroa o chefe do estado fez novo discurso para prehencher essa omissao,--na velha, na religiosa, na solemne Inglaterra emfim, John Tyndal, proferindo recentemente a allocucao presidencial do _Birmingham and Midland Institute_, disse as palavras seguintes:

"Dir-me-hao que supponho um estado de cousas determinado pela influencia das religioes e comprehendendo os dogmas da theologia e a crenca no livre arbitrio, um estado, em summa no qual uma maioria moralisada fiscalisa e disciplina pelo medo uma minoria immoral. Sendo perverso, e perverso sem esperanca, o coracao do homem, dir-me-hao que se fossem abolidas as sanccoes theologicas a raca inteira se modelaria por alguns exemplos de depravacao individual. Tornar-nos-hiamos todos ladroes e assassinos. Porque e so o medo que nos refreia, e, se eliminassemos o medo, nao conheceriamos mais do que o instincto natural e desconheceriamos o dever.

"Tenho de responder que me recuso absolutamente a admittir semelhantes conclusoes. O scelerado nao e em minha opiniao a imagem da humanidade. _Bebamos e comamos porque temos de morrer amanha_ nao e a consequencia ethica da regeicao dos dogmas.

"As doutrinas moraes dos atheus nossos conhecidos sao taes que nenhum christao se envergonharia de as professar, e nenhum christao as censura senao desde que conhece a origem de que ellas procedem.

"Reconheco de todo o coracao e sou o primeiro a admirar a irradiacao espiritual, se assim ousa exprimir-me, que a religiao produz na vida de varias pessoas que conheco. Mas nao posso tambem deixar de confessar que muitas vezes a relligiao passa por estrondosas derrotas ao procurar produzir alguma coisa bella. O apostolo e o campeao da religiao e frequentemente um simples tagarela, um pouco clown. Essas differencas procedem de distinccoes primordiaes de character que a religiao e insufficiente para nivelar.

"Da uma verdadeira satisfacao o sabermos que existam no nosso gremio

homens a que os batalhadores do pulpito chamam _atheus ou materialistas_ e cuja vida, nao obstante, experimentada na pedra de toque de uma moralidade acessivel contrasta de um modo mais que favoravel com a vida d'aquelles que buscam aviltal-os com essa designacao offensiva.

"Quando digo _offensiva_ quero simplesmente alludir aos que empregam aquelles termos, nao que eu pense que o _atheismo e o materialismo_, comparados a muitas nocoos sustentadas pelos jornaes religiosos, tenham em si um caracter offensivo.

"Quando eu quizer achar um homem escrupuloso nos seus contratos, fiel a sua palavra e cuja regra moral se ache solidamente estabelecida; quando eu quizer achar um pae amante, um esposo fiel, um visinho honrado, um cidadao justo, procural-o-hei, com a certeza de o encontrar, entre esses atheus a quem acabo de me referir. Tenho-os conhecido tao firmes na morte como o tinham sido na vida. Ao expirar elles nao esperavam a coroa celeste, e todavia lembravam-se tanto dos seos deveres e eram tao zelosos em os cumprir como se a sua vida futura dependesse do mais recto emprego dos seus ultimos momentos."

Em seguida Tyndal cita os exemplos de dois homens notaveis, um dos quaes e christao, o outro nao.

O christao e Faraday, que Tindal considera um modelo da associacao da fe religiosa com a elevacao moral. O seu caracter e o mais proximo da perfeicao. A religiao era-lhe necessaria: era a luz, ora a consolacao dos seus dias. Era forte mas meigo, impetuoso mas docil; uma cortezia peregrina distinguia o seu commercio com os homens e com as mulheres, e, comquanto nascido do povo, a sua fina natureza era digna da mais delicada flor da cavalleria.

O que nao e christao chama-se Darwin. Nao tem o ponto de vista theologico nem a commocao religiosa que constituiam um tao poderoso agente na vida de Faraday, e todavia Darwin tem a perfeicao moral de Faraday. "O sr. Darwin, diz Tyndal, e uma natureza candida e simples, um caracter terno e forte, um espirito profundo e da mais alta moralidade; e o Abrahao dos homens da sciencia, sacrificador tao docil as ordens da verdade como o patriarcha antigo as ordens do seu Deus."

* * * * *

Estas nobres palavras, inspiradas pelo mais profundo sentimento de verdade, de justica e de amor, ditas por um homem da auctoridade moral de Tyndal, teem um caracter solemne, quasi sacerdotal. Deffinem exemplificadamente o dogma scientifico da virtude inherente a cultura da intelligencia humana e mostram experimentalmente a existencia de uma moral independente de toda a especulacao theologica. Que fecunda these para ser exposta e defendida diante de um auditorio feminino no estado presente dos espiritos, em que as conviccoes do homem estao geralmente em contradicao com as crencas da esposa e da filha, e em que tao necessario se torna portanto a harmonia moral da familia o principio fundamental da conciliacao das consciencias!

* * * * *

Na reuniao do ultimo congresso dos obreiros de Lyon um simples operario mechanico chamado Jacquemin, delegado de uma pequena aldeia da Haute-Saone, expoe com uma concisao profundamente lucida as causas que determinam a inferioridade mental dos trabalhadores do campo,

tornando-os mais proprios do que quaesquer outros para serem escravizados pelos poderes clericais.

Depois de sementeado o campo pelo lavrador, um segundo trabalho estranho aos esforços do obreiro começa lentamente a operar-se: os trigos crescem. Crescem em virtude de que lei?

Tal e a pergunta que o lavrador faz a si proprio. Sabe-se como lhe respondem aquelles que sao encarregados de o instruir e de o educar. A noção que elle recebe acerca do modo como o trigo cresce torna-o fatalista e como tal facilmente susceptivel de se deixar dominar e embair. Qual e o meio de o emancipar? Jacquemin responde: O meio e ministrar-lhe a cultura intellectual de que elle carece. E o orador operario acrescenta:

"Faz-se geralmente crer ao lavrador europeu que as suas sementeiras se desenvolvem em resultado de uma força cuja paternidade vem de Isis, ou de Osiris, divindades que deixaram de reinar. A vontade do Isis fazia crescer n'outro tempo o trigo dos antigos egypcios. Agora e o deus de Mahomet que reina no Egypto. O trigo, pela sua parte, continua a amadurecer nas mesmas condicoes em que amadurecia n'outro tempo. A ruina dos successivos templos e das successivas religioes em nada tem alterado as leis da natureza. E todavia da-se por toda a parte o mesmo estado de coisas: O indio cre que Brama intervem nos seus campos de arroz. O chim ve nos seus o grande Todo. Em outros sitios e Budha. Para os gregos e para os romanos era Ceres. Para uma parte da Asia e o grande Lama. Na Africa e a grande serpente, a grande cobra ou o grande espirito.

"Tudo isto tem naturalmente produzido diversas corporacoes de sacerdotes. Dizei-lhes que se ponham de accordo uns com os outros? ... Respondeis-me que e impossivel. E effectivamente impossivel, o que e de certo uma desgraça! Esse porem e o facto historico, que nao podemos deixar de assignalar. Esse facto infunde uma grande tristeza, porque sobre as questoes que elle suscita tem sido derramado o sangue de muitas geracoes.

"E a guerra, e a guerra de religioes. E tempo de lhe por um termo. E tempo de estabelecer em bases demonstradas e accessiveis a todos a legislacao humana e a moral universal."

* * * * *

Em Portugal os homens e as mulheres das cidades, os homens e as mulheres do campo acham-se inteiramente ao abrigo das suggestoes de ideas e de principios que possam inferir-se das eloquentes palavras de Tyndal e de Jacquemin. Em Portugal todas as palavras que exprimem fortes e sinceras conviccoes de sciencia ou de simples bom senso sao consideradas perigosas e banidas das discussoes publicas.

Debalde a historia da civilizacao ingleza n'este seculo nos demonstra que a tolerancia absoluta na manifestacao do pensamento e a primeira garantia da ordem na sociedade, que a maxima latitude na controversia das ideas mantem sempre os problemas dentro da esphera expeculativa, evitando assim que a orbita das applicacoes praticas seja invadida pelos principios que nao foram d'ante mao sancionadas na opiniao e pelas reformas que ella nao exigiu em nome de novas necessidades provenientes de um mais alto estado do espirito ou da consciencia publica. Tal e o methodo que tem preservado a sociedade ingleza das perturbacoes graves que a impaciencia dos reformadores, nao experimentada na pedra de toque

de uma discussao liberrima, lancou na vida pratica de outras nacoes, como succedeu em Franca depois do segundo imperio, que corrompia todos os debates intellectuaes, e em Hispanha depois do reinado de Isabel, que esmagava todas as tentativas publicas de livre raciocinio.

Em Portugal essa importante licao tem sido absolutamente esteril.

Quando as conferencias democraticas inauguradas na sala do Casino mostraram uma ligeira tendencia para produzir ideas, o governo sem nenhuma outra forma de processo supprimiu as conferencias.

Quando depois d'isso alguns individuos suspeitos de atheismo resolveram manifestar posthumamente as suas ideas solicitando para os seus cadaveres o enterro civil, o governo interveiu ainda, restringindo por todos os meios ao seu alcance--meios tumultuarios, illegaes, vexatorios--a vontade do atheu menos perigoso que se conhece,--o atheu morto.

Se nas escolas superiores se encontram professores benemeritos que expoem impunemente nas aulas das sciencias naturaes e das sciencias physicas algumas doutrinas positivas, experimentaes, estando por esse facto em desaccordo manifesto com os dogmas e com as concepcoes theologicas impostas ao espirito pela carta constitucional da monarchia, a impunidade d'esses professores, dizemos, nao se deve attribuir a tolerancia philosophica do poder. Ella e simplesmente o resultado--n'este caso benefico--da indisciplina geral dos servicos publicos.

Ha professores que affirmam principios scientificos, exactamente como ha professores que mantem no espirito da mocidade os erros mais vergonhosos e mais crassos alheios a doutrina dos programmas. Ha lentes que estao acima da lei pela mesma razao que ha outros que estao abaixo d'ella:--por falta de inspeccao e de policia.

Um facto recente da-nos a prova mais cabal de que o estado nao e solidario nos progressos scientificos da nacao, e que estes se operam nao sob o favor ou sob a tolerancia dos governos, mas sim apezar da intolerancia que elles assumem e dos meios correctivos de que elles se armam.

Veja-se o modo como foi discutido e como foi emendado na camara dos dignos pares o ultimo projecto de lei sobre a instruccao primaria!

Eis as palavras proferidas sobre este assumpto por um dos legisladores mais mocos e mais instruidos d'aquelle sabio congresso:

"_O sr. conde de Rio Maior_ (copiamos o extracto da sessao, publicado do _Jornal do Commercio_), _nao e adversario do desenvolvimento da instruccao primaria, porque nao deseja que continue a subsistir o estudo de ignorancia do nosso povo, onde a proporcao dos que sabem ler e de 1 para 25, emquanto na Allemanha, Hollanda, Belgica, etc., e de 1 para 6. Mas nao deseja que se vote o estabelecimento do ensino obrigatorio. Prefere a liberdade do ensino, porque julga mais conveniente que os paes tenham a liberdade de darem aos filhos o ensino que lhes parecer mais proprio. Pode haver um individuo analphabeto mas que seja homem de ordem e temente a Deus, que nao queira mandar o seu filho a uma escola cujo mestre ensine doutrinas perigosas. Lembra que nos tempos das nossas maiores glorias, embora a instruccao estivesse pouco diffundida, a nacao portugueza attingiu um alto grau de prosperidade; nao pretende dizer com

isto que deixe de se derramar a instruccao, porque tambem e apostolo d'esta idea, mas quer que essa instruccao seja ao mesmo tempo moral e religiosa."_

A affirmativa de que a nacao portugueza attingiu um alto grau de prosperidade no tempo das nossas maiores glorias, _embora a instruccao estivesse pouco diffundida_, e um erro de historia que o nobre conde quiz commetter de certo intencionalmente para o fim de nos persuadir que nao e pelo excesso de instruccao em s.ex.^a que a gloria e a prosperidade deixaram de nos sorrir. O sr. conde de Rio Maior nao podia realmente ignorar que o periodo mais prospero e mais glorioso da nacionalidade portugueza, o periodo das nossas conquistas e dos nossos descobrimentos, foi tambem o periodo da nossa maior cultura intellectual.

Esse periodo principia com o advento da dynastia de Aviz. Se o sr. conde quer achar a differença que distingue esse tempo do tempo actual, compare o mestre de Avis com qualquer dos soberanos da casa de Braganca.

D. Joao I era ao mesmo tempo um cavalleiro, um phylosopho e um litterato. Teve a honra de hospedar na sua corte o grande pintor Van-Dyck e edificou a Batalha, um monumento de arte mais efficaç elle so para formar a educacao esthetica de um povo do que dez universidades e vinte academias. Hoje edifica-se a penitenciaria, e o ultimo dos artistas celebres que recentemente veiu a Portugal, o illustre pintor Palmarolli, hospedou-se em uma estalagem e apenas conheceu da corte portugueza um dos seus fidalgos, que o chamou da janella do seu palacio, em Cascaes, para lhe comprar agulhas e alfinetes, por ter supposto, ao vel-o passar com uma caixa de tintas, que era um bufarinheiro.

Dos filhos de D. Joao I um e o infante D. Duarte, o creador da primeira bibliotheca que existiu em Portugal, o eximio litterato auctor do _Leal Conselheiro_. Outro era o infante D. Pedro, o que viajou _as sete partidas do mundo_, auctor da _Vertuosa Bemfeitoria_ e um dos homens mais profundamente eruditos da Europa no seu tempo. Outro era D. Fernando, o captivo de Fez, o que teve por secretario Fernao Lopes. O ultimo finalmente e o maior era D. Henrique, o iniciador das nossas navegacoes, o fundador da chamada _Escola de Sagres_, o mais poderoso, o mais grave, o mais austero centro de estudo de que ainda foi objecto a sciencia do ceo e a sciencia do mar. Hoje o infante de Portugal e o senhor D. Augusto, conhecido de todos nos por o termos visto passar no Chiado e conhecido tambem n'um hotel de Loudres, onde o principe se hospedou juntamente com dois dos mais notaveis productos da arte nacional, que o acompanharam e que fizeram grande impressao na City, onde os tomaram por duas vaccas sem pernas. Eram os baues de sua alteza, feitos na rua dos Correeiros.

Da escola de Sagres sairam Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama, Bartholomeu Dias, Fernando de Magalhaes, Diogo Cao, Pedro da Covilha, Gaspar Corte Real, os mais intrepidos viajantes e os mais valorosos exploradores. Foi da influencia d'elles e dos sabios que o infante D. Henrique e seus irmaos souberam attrair a Portugal, que procederam escriptores como Fernao Lopes, Gomes Annes de Azurara, Gil Vicente, Joao de Barros, Damiao de Goes, Jeronymo Osorio, e Luiz de Camoes, talvez o mais instruido e o mais sabio de todos os grandes poetas. Das escolas de hoje, a nao ser por influencia de alguns professores precitos e apostatas que commetteram o sacrilegio de se libertarem do jugo official, saem apenas bachareis, que sabem quando muito bacharelar, e que vao para administradores de concelho ou para amanuenses de secretaria.

No tempo da nossa prosperidade e da nossa gloria o povo era extremamente instruido. E certo que nao sabia ler. Mas saber ler nao constitue propriamente instruccao, mas sim um dos meios de instruccao. Ora o povo dispunha entao de outros meios superiores a leitura. O marinheiro e o soldado educavam-se nas grandes viagens, os operarios educavam-se na confeccao das mais bellas obras de arte, como o convento de Thomar, os Jeronymos, as capellas imperfeitas da Batalha, a torre de Belem. O povo de entao nao sabia ler os livros, mas sabia mais do que isso: sabia fazel-os. Foi o povo que ditou as narrativas sublimes da _Historia tragico maritima_, o mais admiravel, o mais bello, o mais dramatico, o mais commovedor, o mais eloquente livro de que se pode gloriar a litteratura de uma nacao.

A isso chama o sr. conde de Rio Maior achar-se pouco diffundida a instruccao! E conclue d'esse absurdo que um povo pode attingir a prosperidade sem sair da estupidez! Apezar d'esta singular theoria e das accumuladas contradicoes do seu texto, em que s. ex.^a ora e apostolo da instruccao, ora e apostolo da coisa contraria, o sr. conde de Rio Maior seria apenas inoffensivo. S. ex.^a, porem, conclue a sua notavel falla mandando para a mesa o seguinte additamento a lei que se estava discutindo:

O professor ou professora que no exercicio do magisterio primario ensinar ou inculcar doutrinas contrarias a religiao catholica, a moral, a liberdade e a independencia patria sera demittido nos termos d'este artigo, independente da accao criminal que deva ser intentada. Os paes, tutores ou pessoas encarregadas da sustentacao e educacao das creancas podem requerer collectivamente ou individualmente contra o professor ou professora que tiver commettido as faltas indicadas n'este artigo.

Eis ahi o que se nao admite, porque esta disposicao legislativa proposta por s. ex.^a produz a fixacao legal dos seus principios a respeito da instruccao, isto e: que deve haver instruccao e ao mesmo tempo que a nao deve haver. Nao e outra coisa senao eliminar a instruccao, depois de a ter decretado, o submettel-a por lei, sob pena de processo e demissao immediata do professor, aos principios da religiao catholica. A Igreja abriu, n'este seculo principalmente, um tao profundo abysmo entre a concepcao theologica e a explicacao scientifica dos phenomenos do universo, que toda a conciliacao e hoje impossivel entre o mestre e o padre. Nao duvidamos que o christianismo possa ainda reassumir o seu antigo papel de sancionador supremo de todas as grandes e definitivas conquistas do entendimento humano. O que e certo porem e que a direccao reaccionaria que elle tem recebido do pontificado romano desde a Reforma ate hoje o inhabilita presentemente para realizar essa aspiracao de todas as almas piedosas. Ou o Estado sustenta o padre ou sustenta o mestre. Constituir-se o defensor simultaneo d'esses dois interesses oppostos e impossivel. Pedimos licenca ao sr. conde do Rio Maior para lh'o provar.

Supponhamos que o alumno pergunta ao seu professor o que e o diluvio universal, que lhe pergunta qual e a idade da terra, que lhe pergunta o que e o homem pre-historico, o que sao as florestas carboniferas, o que e o arco-iris, o que e o para-raios, o que e transformacao das especies, o que e a Torre de Babel, o que e o Eden; supponhamos que o alumno faz ao mestre qualquer das centenaes perguntas d'este genero faceis de formular acerca das affirmacoes da Biblia ou dos conhecimentos do homem. A essas perguntas o mestre nao pode responder senao com o erro ou com a heresia. O sr. conde de Rio Maior e os dignos pares que adoptaram a sua

emenda a lei da reforma da instrucção portugueza desejam que o mestre responda pelo erro.

Mas isto é peor do que por de parte a sciencia; isto é, recebê-la para a contradizer e para a destruir; isto é converter a ignorancia publica em uma instituição do Estado.

Diderot conta o caso do homem que procurava o seu caminho, a luz de uma lanterna, no meio da espessura tenebrosa de uma floresta. Alguem disse-lhe: Queres saber o meio de achar o caminho? eu t'ó ensino ... E apagou-lhe a lanterna.

Quem foi que deixou no mundo esta licao?

Foi o theologo.

Um povo ignorante e um povo em trevas, cuja lanterna é a instrucção. O legislador portuguez que tomou o encargo de apagar a luz e o sr. conde de Rio Maior.

* * * * *

Notemos porem um facto consolador:

O sr. conde de Rio Maior attesta sobre os theologos que o precederam uma sensivel diminuição de força. Elle mostra o ardor arrefecido e impotente de um velho sangue que se decompoe e se deffora. A idea que elle tem no cerebro é uma idea que se extingue.

Ha cem annos s. ex.^a teria proposto o carcere, a tortura, a fogueira, para o mesmo crime para que hoje pede apenas, gaguejadamente, a demissao do professor e o processo pelos tribunaes civis.

Inclinemo-nos diante de tao manifesta mansidao!

Nos fins do seculo XVI o _pendao da santa doutrina_, um lugubre pendao negro, era levado pelas ruas de Lisboa, ao toque de uma campainha, por fr. Ignacio de Azevedo. Fr. Ignacio era entao o professor idealizado pelo sr. conde de Rio Maior: _era o homem de ordem, temente a Deus_, argumentando a doutrina christa a este povo. Todas as mulheres e todas as creancas saiam as portas a ajoelhar, sobre as immundicies, aos pes do tenebroso frade, que levava consigo a sciencia ecclesiastica, amortalhada de negro, de cruz alcada, tangendo uma campainha, como quem leva um morto. Fr. Ignacio invadia as casas particulares, invadia os pateos da comedia, expulsava os comediantes, e subia elle mesmo ao tablado a explicar os differentes modos porque se pecca e os diversos methodos porque se mortificam os impetos da carne.

Ainda no seculo passado Pina Manique obrigava os professores a levarem os estudantes a missa, do que colhiam nas sacristias uma certidao sobre a qual se pagavam mensalmente os respectivos ordenados.

Hoje a parte disciplinar da nossa educacao religiosa caiu com o pendao negro da santa doutrina. Resta a parte doutrinaria, resta apenas a cartilha de Padre Mestre Ignacio.

E é sobre essa cartilha solitaria, em torno da qual caíram dissolvidas a uma por uma todas as energias sociaes que a mantinham na altura de uma instituição civil, e sobre a cartilha do Padre Mestre Ignacio, que um

sabio legislador portuguez acompanhado de varios outros legisladores portuguezes igualmente sabios, procura reconstituir no anno de 1878 o ensino publico de uma nacao!

* * * * *

Voltaire tinha uma prece fervorosa, que as _Farpas_ nao cessam de elevar aos ceus em todas as manhas e em todas as tardes:

Meu Deus, tornaes ridiculos os nossos inimigos!

O modo como foi discutida na camara dos dignos pares a reforma da instruccao indica-nos que podemos por um momento deixar de repetir essa oracao. Aproveitamos a pausa para ir a Paris accender, em nome das _Farpas_, um cirio a Voltaire. Deus Nosso Senhor ouviu-o!

End of the Project Gutenberg EBook of As Farpas, Fevereiro a Maio 1878
by Ramalho Ortigao and Jose Maria Eca de Queiroz

*** END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK AS FARPAS ***

***** This file should be named 13093.txt or 13093.zip *****

This and all associated files of various formats will be found in:

<http://www.gutenberg.net/1/3/0/9/13093/>

Produced by Claudia Ribeiro, Larry Bergey and PG Distributed Proofreaders. Produced from page scans provided by Biblioteca Nacional de Lisboa.

Updated editions will replace the previous one--the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

*** START: FULL LICENSE ***

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.net/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation" or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pglaf.org>.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby
Chief Executive and Director
gnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.net>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.